

## FRAGMENTOS ACERCA DO MÉTODO EM GEOGRAFIA\*

Vânia Rubia Farias Vlach\*\*

### I – Breve Introdução

No momento atual, parece-nos possível afirmar que discussões atinentes à epistemologia em Geografia, explicitando a questão da teoria, do método e do objeto no seu interior, têm-se difundido em proporções consideráveis, embora muitas vezes inseridas no bojo do cientificismo, isto é, sob os cânones positivistas da “verdadeira ciência” – aquela que é imune às ideologias.

Na medida em que o método científico atua como o “divisor de águas” entre ciência e ideologia (ou ciência e política), e em que há um certo consenso, até por parte dos geógrafos, a respeito do seu não-privilegiamento dentro da vasta produção geográfica tradicional, cumpre indagar, inicialmente, se a chamada Geografia crítica não corre o risco de, primeiro, apenas inverter o discurso; segundo, de continuar abordando os mesmos assuntos; terceiro, de fazer a apologia de um único caminho para este saber (e sua prática), o que se nos afigura como um perigoso “passo para trás”

nesse percurso decisivo da Geografia em direção ao desvendamento do social (sentido lato), como um importante momento do amplo e complexo processo de constituição de uma outra sociedade.

### II – Ainda o positivismo

Entendemos que a lógica da identidade – o emprego sistematizado de regras e leis a um objeto, conformando-o totalmente e o determinando a priori – ainda está muito presente em diversos trabalhos de Geografia.

Não obstante o avanço teórico-metodológico que a Geografia crítica representa, talvez o próprio fato de ela procurar se apoiar na teoria marxista e, por conseguinte, na dialética, explique porque ela tem se voltado para (uma) superação de seus equívocos via teoria e método construídos em outro tempo (histórico) e outro espaço (geográfico). Construídos, exatamente porque a dialética marxista foi o resultado de lutas e embates entre diferentes classes sociais e entre diferentes propostas políti-

\* Texto apresentado no 1º Encontro de Geógrafos da América Latina, realizado em Águas de São Pedro, São Paulo, de 5 a 10 de abril de 1987.

\*\* Professora do Departamento de Geografia/UFU.

cas quanto aos rumos de uma sociedade então em processo de constituição.

A proposta vencedora – a da sociedade (capitalista) internamente dividida – transformou vencidos e vencedores em iguais, valendo-se do “em si mesmo próprio” atribuído a cada homem a partir da idéia (ou da abstração) de que cada um (e todos em conjunto) é capaz de (e deve) contribuir para o engrandecimento de sua pátria. O Estado-nação é contemporâneo do princípio da imanência: a abstração torna igual o que é desigual (reproduz o Mesmo, e nega o Outro).

Nesse sentido, quase passou (ou passa) despercebido à Geografia que a sua aproximação em relação ao marxismo ocorreu exatamente quando também ele havia-se transformado em um discurso, isto é, quando esvaziado de sua práxis social e, portanto, transformado em mais uma versão cientificista da ciência. Paralelamente, a dialética também havia se transformado em algo mecanicista, ou, melhor dizendo, tendo abandonado a negação interna, acabou negando a si mesma, e se reduziu às antinomias.

Ora, é a lógica da identidade que trabalha com antinomias e dualismos! E a produção geográfica, inclusive a mais recente, ainda é prenhe de preocupações com a delimitação precisa do seu objeto de estudo, com os problemas de método, etc., enquanto tentativa de elaboração de um campo próprio na área do conhecimento científico, deixando de lado a práxis humana, em cujo seio su-

jeito e objeto do conhecimento se constroem (e reconstroem).

Ainda que tais preocupações (essencialmente positivistas) não devam, pura e simplesmente, ser descartadas, perguntamo-nos se a sua persistência não decorre, pelo menos em parte, do “esquecimento” de uma questão fundamental: clareza política daqueles que (re)produzem o conhecimento, desvinculando-o de uma reflexão que possa conduzir ao pensamento. Porque é o pensar uma dada questão que permite ultrapassar os limites do já conhecido, e inaugurar novos conhecimentos.

Os ditos “novos” conhecimentos na Geografia continuam reproduzindo a separação entre o sujeito e o objeto do conhecimento; entre o método e o conteúdo; entre a ciência e a ideologia, etc. (porém, isso se verifica igualmente em outras ciências humanas).

Assim, a pergunta “O que é Geografia?” continua sendo feita aos futuros geógrafos, mal iniciando o seu curso superior. Como fazer efetivamente uma Geografia crítica se se separa o sujeito do objeto? Por que não colocar, logo de saída para os principiantes, a questão de quem produz Geografia, por que a produz e como a produz?

O aflorar de questões como esta traz consigo a possibilidade de se fazer críticas ao positivismo, por dentro. Em outras palavras, permite desmontar a lógica da identidade, mostrando o

quanto não interessa à ordem política instituída a consideração do sujeito do conhecimento.

Curiosamente, a ênfase no objeto do conhecimento acaba por tirar-lhe a sua razão de ser! Não só o sujeito foi instrumentalizado por uma razão "aséptica", que apenas observa, mede, descreve, classifica, eliminando "a possibilidade objetiva de uma experiência específica da coisa" (ADORNO, T.W., 1975, p. 257), quanto o objeto acaba se transformando em uma coisa morta, pois o seu movimento não é apreendido pelo conhecimento.

A mediação entre o objeto e o sujeito só é possível quando o pensar se debruça sobre as condições sociais e históricas em que se realiza qualquer trabalho científico. Tais condições acabam por mostrar que também o objeto não é algo pronto, acabado, totalmente determinado. Na verdade, a indeterminação não é especificidade do sujeito: o objeto tem um movimento, relativamente independente do sujeito. Como não se separam, o pensar só dá conta de suas contradições ao considerar as relações que estabelecem entre si, o que demonstra que não podem ser reduzidos um ao outro.

A indeterminação a que nos referimos tem caráter político. O positivismo, sob o pretexto da mais profunda objetividade científica, nega a política... ao nível do discurso. Mas, na sua prática cotidiana, consubstancia a política dos vencedores, incorrendo na ideolo-

gia do progresso, determinada desde o momento histórico em que o capital fez da ciência a sua principal força produtiva, por ter-lhe conferido o poder de dominar a natureza e a sociedade.

Com algumas diferenças, constatase que a dialética mecanicista, invocada como o elemento soteriológico capaz de solucionar a "crise" da Geografia, acaba determinando sujeito e objeto nos termos de um certo partido político, a cuja vanguarda cabe a análise do movimento do real. Aos demais, (cabe) obediência às diretrizes emanadas de seus intelectuais. Esta dialética, que separa trabalho intelectual e trabalho manual, acaba fazendo uma leitura positivista do real, via ciência.

Nesse sentido, muita Geografia dita crítica "peca" pelo fato de não admitir que o movimento sujeito-objeto apresenta indeterminações, como resultado do jogo entre as forças políticas de cada sociedade, a cada momento e em cada espaço. Mas é só assim que a dialética hegel-marxista pode se reconstruir, pois é dessa maneira que ela destrói a lógica da identidade e se recoloca como contradição interna.

No que tange à Geografia, destruir a lógica da não-contradição implica em buscar as especificidades de cada espaço como um resultado de lutas sociais, inclusive as lutas entre aqueles (os sujeitos) que produzem as suas teorias. Do contrário, não se apreende o movimento sujeito-objeto, e muito menos as suas indeterminações.

### III – À procura de caminhos

Abrem-se caminhos para a compreensão e a aceitação do Outro à medida que a ciência deixe de se guiar pelo paradigma de uma verdade absoluta e eterna. Mas não é a mera mudança de paradigma que leva à superação do Mesmo. Pensando na Geografia, não se trata de propor a análise do processo social de produção do espaço geográfico como “tábua de salvação”, sob pena de a Geografia crítica também não conseguir explicitar que o movimento do modo de produção capitalista reproduz o Mesmo através das diferenças.

Então, onde buscar o Outro? Certamente, ele não se encontra fora da reprodução do capital, o que significa que entre as “brechas” do seu caminho (linear) emergem questões que podem dar margem à crítica de seu funcionamento e, assim, por dentro, se chega às indeterminações do movimento do real.

Sob o ponto de vista da epistemologia, é precisamente dessa maneira que a dialética recupera a sua essência de contradição interna (ou de dialética negativa, nas palavras de Adorno).

Evidentemente, não basta à chamada Geografia crítica apoderar-se dessa perspectiva de trabalho científico. Há que se transformar internamente, o que exige correspondência entre, por exemplo, o conteúdo que ela aborda

e o método usado para abordá-lo. Assim, temas caros à Geografia tradicional, como a distribuição da população em um país (este conceito espelha muito bem a Geografia positivista), ou a apresentação de suas atividades econômicas, só têm mesmo razão de ser enquanto descrição de suas características e explicação de seu funcionamento (aparente), o que satisfaz plenamente à lógica da identidade.

Em uma abordagem crítica, estas duas questões (e não mais problemas) somente serão tratadas na medida em que, por exemplo, se analisar o processo de produção de um dado espaço geográfico (atualmente sob a égide do movimento da re-produção do capital). Por conseguinte, o próprio conteúdo vai se fazendo, vai se propondo, o que significa que se define um trabalho entre este objeto e o sujeito que o investiga.

Mais do que isso, porém, o conteúdo (ou o objeto) torna-se algo “em construção”, de tal forma que o sujeito também se modifica nessa busca de compreensão do real. Nesse sentido, é possível ao sujeito “renunciar a colocar a dialética nas coisas” (MERLEAU-PONTY, M., 1967, p. 115) e, portanto, analisar o pensamento dialético enquanto algo situado na realidade, e não fora/acima dela. O método (nesta concepção) não se separa da ontologia.

No caso específico da Geografia, tal análise impediria – pelo menos a nosso ver – a multiplicação de trabalhos cujo método aparentemente é dia-

lético, mas sobre um conteúdo que continua empírico por excelência, nos moldes de um objeto determinado a priori (não nos ocuparemos, aqui, com a questão do empírico na Geografia). Ou, então, daqueles trabalhos geográficos que deixam de lado o objeto, e que acabam incorrendo no idealismo, isto é, na abstração que os sujeitos fazem da realidade em que produzem. Nos dois casos, ignora-se o movimento entre sujeito e objeto do conhecimento (e sua indeterminação).

Considerando que o real diz respeito ao espaço e ao tempo que, embora historicamente determinados, acusam indeterminações no seu movimento – as quais devem ser exploradas científica e filosoficamente – entendemos que um caminho possível e altamente profícuo a uma Geografia que se quer crítica e, portanto, que persegue a eliminação da dominação de classe, é o que alia sujeito e objeto em um trabalho (científico e político) de construção (do) social, para o que sentimos a necessidade de investigar uma outra idéia de razão... seguramente não totalitária.

#### **IV – Neutralidade (científica) e ação (política) imediatista**

Mas o movimento do real não se interrompe: é o nuclear, é a fome, é a desertificação, é o "apartheid", é a guerrilha, etc. Não seria o caso de a Geografia "agir" mais, e abandonar es-

tas "acadêmicas" discussões teórico-metodológicas?

Acreditamos que a prática de uma Geografia do imperialismo foi o resultado de um "agir mais", isto é, de uma ação que não parou para questionar os seus pressupostos, conseguindo até fazer belas e precisas monografias de áreas que passavam a interessar ao capital, não obstante a sua elaboração no interior das academias.

Uma questão de fundo aí se coloca (inclusive hodiernamente): a ausência, por parte do pesquisador, de uma reflexão do pensamento sobre o conhecimento produzido, isto é, do sujeito em relação ao seu objeto, o que lhe teria possibilitado compreender que não há um abismo entre a teoria e a prática.

Pelo contrário: o desconhecimento da singularidade de cada uma e, ao mesmo tempo, das relações entre ambas (de complementaridade, de confronto), conduziu à realização de trabalhos cuja "neutralidade" científica mesma foi o melhor indicador para sua utilização política, não por acaso sempre a serviço da dominação.

Trata-se, por conseguinte, de ir além da estreiteza de uma razão instrumentalizada, questionando a divisão interna que lhe é própria, mas que escapa à apreensão de seus pesquisadores (geógrafos ou não), que são, antes de mais nada, objetos (atualmente de um Estado nuclear-armamentista), e não sujeitos do seu labor.

À Geografia (crítica) se abre, então, o difícil trabalho de conseguir, igualmente, aliar a sua prática a uma teoria, cujo elemento fundante possa explicitar/analisar esta sociedade, tendo em vista denegá-la.

Nesse sentido, parece-nos de decisiva importância o aparecimento, ainda praticamente isolado do conjunto, de trabalhos em seu interior que, ao contemplarem o político como fundante, conseguem ultrapassar os limites de uma análise baseada no econômico (sem negar o seu significado particular),

pois que este não tem condições de "levar a compreender o que se encontra posto em jogo com a formação do Estado moderno" (LEFORT, C., 1979, p. 300).

Mais do que garantir a possibilidade de interpretações mais amplas da História, do real, o fundante político destrói o imediatismo das ações, porque desmonta, por dentro, a lógica da identidade que as sustenta (a repetição do Mesmo), a partir de um pensar uma teoria — realizado na/e pela práxis humana.

## BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W. Introdução à controvérsia sobre o positivismo na Sociologia alemã. In BENJAMIN, W. et alii, **Textos Escolhidos**. São Paulo, Abril Cultural, 1975, p. 215 - 263. (Coleção Os Pensadores)

CHAUÍ, M. **Cultura e Democracia. O discurso competente e outras falas**. São Paulo, Moderna, 1982.

FAUSTO, R. **Marx Lógica & Política**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas — uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo, Martins Fontes, 1981.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

GEORGE, P. Problemas, Doutrina e Método. In: **A Geografia Ativa**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968, p. 9 - 40.

HABERMAS, J. **Conhecimento e Interesse**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

- \_\_\_\_\_ Teoria analítica da Ciência e Dialética. Contribuição à polêmica entre Popper e Adorno. In BENJAMIN, W et alii, **Textos Escolhidos**. São Paulo, Abril Cultural, 1975, p. 267 -289. (Coleção Os Pensadores)
- \_\_\_\_\_ Técnica e Ciência enquanto "ideologia". Para os 70 anos de H. Marcuse, no dia 19-VII-1968. In: BENJAMIN, W. et alii, **Textos Escolhidos**. São Paulo, Abril Cultural, 1975, p. 303 - 333. (Coleção Os Pensadores)
- HOBBSBAWN, E. **A era do capital (1848 - 1875)**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- HORKHEIMER, M. **Eclipse da Razão**. Rio de Janeiro, Labor do Brasil, 1976.
- \_\_\_\_\_ Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, W. et alii, **Textos Escolhidos**. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 125-162. (Coleção Os Pensadores)
- \_\_\_\_\_ Filosofia e Teoria Crítica. In: BENJAMIN W. et alii, **Textos Escolhidos**. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 163-169. (Coleção Os Pensadores)
- HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. **Dialéctica del iluminismo**. Buenos Aires, SUR, 1970.
- KONINCK, R. de. Contra el idealismo en Geografía. In MENDONZA, J. G. et alii (org.). **El pensamiento geográfico**. Madrid, Alianza, 1982, p. 505-520.
- LACOSTE, Y. **A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra**. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1977.
- LEFORT, C. **As formas da história**. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- \_\_\_\_\_ **A inovação democrática: Os limites do totalitarismo**. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- MERLEAU-PONTY, M. **Les aventures de la dialectique**. Paris, Gallimard, 1967.
- VESENTINI, J. W. **A capital da geopolítica**. São Paulo, Ática, 1986.
- VLACH, V. R. F. Do positivismo à reificação do social: algumas reflexões. In: **Anais do 4º Congresso Brasileiro de Geógrafos**. São Paulo, A. G. B., 1984 livro 2, volume 2, p. 433 - 443.